

ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO: A CONSTRUÇÃO DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

ANTHROPOLOGY OF RELIGION: THE CONSTRUCTION OF ANTHROPOLOGY IN BRAZIL AND AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS

Erivelton Pessin¹
Claudete Beise Ulrich²

RESUMO

A antropologia é uma ciência que busca compreender o ser humano em sua complexidade, inserindo, em sua metodologia de análise, questões sociais e culturais que circundam o indivíduo em diversas fases históricas e em diferentes contextos. Sua finalidade é investigar o ser humano em sua totalidade, incluindo diversos âmbitos, como cultural, religioso, social, psicológico, entre outros. Como uma de suas vertentes, a antropologia da religião dedica-se ao estudo do ser humano sob a sua perspectiva religiosa, com vistas a compreender de que maneira as instituições religiosas possuem relação com as culturas diversas presentes na sociedade. Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de compreender a construção da antropologia da religião no Brasil e seus estudos a respeito das religiões afro-brasileiras. Para atingir essa finalidade, realiza-se um levantamento bibliográfico, com a busca e seleção de artigos científicos e doutrinas, por meio de uma abordagem qualitativa. Como resultados, foi possível observar que a antropologia da religião passou por fases diversas nos estudos sobre as religiões afro-brasileiras, sendo cada uma delas caracterizadas por aspectos que marcaram as respectivas épocas.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Ser humano. Religiões Afro-brasileiras.

ABSTRACT

Anthropology is a science that seeks to understand the human being in its complexity, inserting, in its methodology of analysis, social and cultural issues that surround the individual in various historical phases and in different contexts. Its purpose is to investigate the human being in its entirety, including various areas, such as cultural, religious, social, psychological, among others. As one of its aspects, the anthropology of religion is dedicated to the study of the human being from its religious perspective, with a view to understanding how religious institutions are related to the diverse cultures present in society. In this sense, the present study aims to understand the construction of the anthropology of religion in Brazil and its studies on Afro-Brazilian religions. To achieve this goal, a bibliographic survey is carried out, with the search and selection of scientific articles and doctrines, through a qualitative approach. As a result, it was possible to observe that the anthropology of religion went through different phases in studies on Afro-Brazilian religions, each of which was characterized by aspects that marked the respective times.

KEYWORDS: Anthropology. Human being. Afro-Brazilian religions.

¹ Discente de doutorado em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação pela Faculdade Vale do Cricaré. Graduado em História pela Universidade de Uberaba. Graduado em Geografia pela Universidade Cruzeiro do Sul.

² Doutora, Mestra (com Bolsa da Federação Luterana Mundial - Genebra) e Graduada em Teologia pela Faculdades EST. Estágio Pós-doutoral em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estágio-Pós-doutoral em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-graduada em Pastoral Escolar e Ensino Religioso Escolar pela Faculdades EST.

1 INTRODUÇÃO

A antropologia pode ser compreendida como o estudo do ser humano sob diversas perspectivas, propondo-se a compreendê-lo em sua integralidade, abrangendo aspectos biológicos, sociais, psicológicos e culturais.

A antropologia da religião tem como objeto de estudo as práticas e crenças religiosas, buscando compreender a relação entre as instituições religiosas e a diversidade cultural e religiosa existente na sociedade. Ela decorre na necessidade de compreender os múltiplos aspectos que circundam as relações entre os seres humanos e o fenômeno religioso em suas variadas manifestações.

O estudo a respeito do ser humano e sua relação com as instituições religiosas é relevante para compreender a sociedade contemporânea e suas variadas configurações e características. Além disso, os estudos antropológicos permitem compreender certos fenômenos atuais, como a intolerância e, o preconceito contra a diversidade, contribuindo para sua erradicação.

Nesse cenário, o presente estudo busca compreender a formação da antropologia da religião no Brasil, explicitando o encontro etnográfico entre os europeus e os africanos. Assim, busca-se analisar as diferentes perspectivas pelas quais esses estudos perpassaram ao longo do tempo, de acordo com as características de cada época e conforme o contexto da sociedade.

Dessa maneira, realizou-se um levantamento bibliográfico, com a busca e seleção de materiais previamente elaborados e publicados sobre o tema em questão. Como critérios de seleção, adotaram-se: artigos científicos publicados apenas em revistas ou periódicos e doutrinas, ambos publicados em língua nacional.

O presente estudo encontra-se dividido em duas partes: inicialmente, analisou-se a antropologia da religião no Brasil, tecendo considerações sobre o conceito e objeto de estudo da antropologia, além do seu surgimento e desenvolvimento, bem como o estudo da antropologia da religião no Brasil; posteriormente, faz-se uma análise acerca das religiões afro-brasileiras como objetos de estudo da antropologia da religião.

2 A ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

A antropologia pode ser compreendida como uma ciência que visa estudar o ser humano a partir de diferentes perspectivas, utilizando-se, para tanto, de levantamentos e dados históricos e científicos a respeito das origens, evolução e desenvolvimento do indivíduo, bem como questões culturais e psicológicas nas diferentes épocas, conforme explica Souza (2020). Assim, a

antropologia investiga as culturas humanas no tempo e no espaço, suas origens e desenvolvimento, suas semelhanças e diferenças.

Laplantine (2007) defende que os estudos antropológicos exigem uma ruptura com modo de conhecimento abstrato e especulativo, tendo em vista que a sua finalidade é proporcionar o conhecimento a respeito dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana. No mesmo sentido, aduzem Marconi e Pressoto (2022) que a antropologia visa entender o homem com toda a sua complexidade, realizando um estudo biopsicocultural.

Assim, “o estudo antropológico analisa as pessoas e tudo aquilo que elas falam, manifestam ou produzem, a partir de seus comportamentos” (SOUZA, 2020, p. 14). Em outras palavras, a antropologia é o estudo do ser humano em seus múltiplos aspectos, não se restringindo a uma só perspectiva, tendo em vista que se considera sua totalidade e complexidade.

Nesse cenário, a antropologia não deve restringir seus estudos para um recorte temporal e territorial específicos; deve incluir todas as sociedades humanas em suas diversidades históricas (Laplantine, 2007).

Com relação às contribuições desses estudos, Feldman-Bianco (2011) aduz que a pesquisa antropológica é para identificar problemáticas a respeito da produção da diferença cultural e desigualdades sociais, saberes e práticas tradicionais, patrimônio cultural e inclusão social e, ainda, desenvolvimento econômico e social.

A autora afirma, ainda, que “no quadro da globalização contemporânea, além de contribuir cada vez mais para a formulação de políticas públicas e propostas para a sociedade, a antropologia apresenta os aparatos necessários para expor a dimensão humana da ciência, tecnologia e inovação” (FELDMAN-BIANCO, 2011, p. 4).

De acordo com Marconi e Pressoto (2022), os antecedentes do pensamento antropológico datam do processo de colonização pelos europeus, a partir de 1492, em decorrência da perplexidade com os aspectos sociais e culturais das novas terras descobertas. Não obstante sua origem remota, foi conhecida como um estudo somente no século XIX, quando padrões e características humanas passaram a ser identificadas e catalogadas (SOUZA, 2020).

No Brasil, de acordo com Silva (2008), a antropologia teve início com as contribuições dos viajantes e com as expedições científicas realizadas no século XIX, que registraram aspectos das sociedades indígenas. Para o autor, a segunda fase dos estudos antropológicos brasileiros teve início no século XIX, com a publicação de Raimundo Nina Rodrigues sobre o negro.

Dessa maneira, na medida em que as “nações europeias estabeleceram colônias em diversas regiões do planeta, e os norte-americanos expandiam-se para o Oeste e para o Sul dominando os territórios indígenas, ficou claro para os colonizadores que a humanidade era extremamente

variada” (MARCONI; PRESSOTO, 2022, p. 2). Diante desse cenário, a antropologia nasce como uma tentativa de identificar e analisar essa variedade.

Além disso, conforme aduz Oliveira (1988, p. 111), a antropologia brasileira foi marcada pelos estudos das populações indígenas e das populações afro-brasileiras, mas, posteriormente, ampliou-se o objeto de estudo para a sociedade, incluindo outros segmentos. De acordo com Möbs (2020), os estudos das populações indígenas brasileiras iniciaram-se com Curt Nimuendajú, etnólogo alemão que se mudou para o Brasil aos 20 anos e juntou-se aos Apapokuva, povo guarani do interior de São Paulo (atualmente conhecido como Nhandeva). Quanto aos estudos das populações africanas no Brasil, Möbs (2020) cita Gilberto Freyre.

Como ramo da antropologia, tem-se a antropologia da religião, cujo surgimento coincide com a própria origem da antropologia (PEREIRA, 2016). Essa vertente busca estudar o ser humano a partir de fenômenos religiosos por ele produzidos ou a ele relacionados, utilizando-se óticas diversas, tais como questões étnico-raciais, regionais e culturais (SOUZA, 2020). A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer disposições e motivações significativas nos seres humanos, por meio da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral (GEERTZ, 1978).

Nesse cenário, a religião pode ser compreendida como uma maneira de ver o mundo, motivo pelo qual a antropologia da religião dedica-se ao estudo do ser humano na perspectiva religiosa, sendo capaz de compreender aspectos diversos a partir de suas concepções.

3 PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO

O território brasileiro foi ocupado pela colonização portuguesa a partir de 1500, em meio a disputas do espaço com povos indígenas e outros países que tentaram colonizar o local, como a Espanha, Holanda e França. Nesse cenário, os povos indígenas foram escravizados e, posteriormente, os negros trazidos do Continente Africano. Assim, a formação do povo brasileiro foi constituída por povos dessas três origens: indígenas, europeus e africanos (BARROSO; BONETE; QUEIROZ, 2017).

Com relação aos africanos, esses povos foram retirados de seu país de origem e trazidos ao Brasil com a colonização, pelo tráfico negreiro, para suprir a carência de mão de obra nos empreendimentos coloniais dos portugueses no Brasil. Alguns deles sequer conseguiam chegar ao Brasil, tendo em vista que morriam durante a viagem por falta de vitaminas, situações precárias de

higiene e também pela depressão em função de terem sido retirados à força da sua terra natal, da sua vivência cultural, social, política e religiosa (FRANCO, 2021).

O aumento crescente da vinda dos europeus para o Brasil, que ocorreu a partir do século XIX, procurou sustentar que os brasileiros são ocidentais e cristãos. Em decorrência disso, há, ao longo da história do Brasil, uma constante expropriação da tradição cultural africana e baixa tolerância aos cultos e demandas religiosas (BARROSO; BONETE; QUEIROZ, 2017).

De acordo com Möbs (2020), os primeiros registros da chegada dos africanos no Brasil por meio do comércio escravo remontam a meados do século XVI. Os primeiros negros a chegarem no Brasil vieram de Angola e da Costa do Marfim. Conforme explica Paiva (2015), a necessidade da mão de obra escrava ocorreu a partir de 1534, com a divisão do território nas capitânicas hereditárias, tendo sido intensificada a entrada de africanos no país durante o século XVIII.

Mediante o processo colonizador, os escravizados perderam a sua humanidade, tornaram-se objeto e foram proibidos de colocar em prática os seus rituais religiosos, sendo obrigados a se converterem ou pelo menos aparentar que se converteram ao catolicismo (FRANCO, 2021). Os povos africanos conseguiram manter algumas de suas práticas culturais e religiosas. Contudo, para preservar, em certa medida, suas crenças, foram necessárias uma ressignificação e uma adaptação ao contexto brasileiro. Assim, a cosmovisão africana passou pelo processo de ressignificação (ou sincretismo) (MÖBS, 2020).

A cultura africana corresponde à totalidade de práticas carregadas de significado, desenvolvidas por grupos sociais africanos e afrodescendentes que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou seja, hábitos adquiridos e presentes nos homens (e em cada indivíduo) como integrantes de uma sociedade (MUNANGA, 2009).

Assim, a população africana residente no Brasil não abandonou seus costumes e religiões, apesar do trabalho estafante e do pequeno ciclo de vida. Organizavam festas, adornavam os corpos, relembavam suas origens, entretanto, essa cultura não podia expressar-se livremente, pela sua condição de escravo (SANTOS, 2016). Diante disso, cada povo que habitou o Brasil colaborou na conformação do que atualmente se entende como o povo brasileiro, contribuindo, assim, com diversos elementos culturais que identificam a cultura e a identidade brasileiras (BARROSO; BONETE; QUEIROZ, 2017).

As religiões de matriz africana desde sempre tiveram que travar uma luta para poderem sobreviver num ambiente marcado pelo racismo e preconceito com as culturas que se diferenciavam do modo ocidental de enxergar o mundo. Num primeiro momento, os africanos escravizados tiveram que aceitar o sincretismo como uma estratégia de sobrevivência diante das imposições católicas (FRANCO, 2021).

De acordo com Leal (2022, p. 148), em continuidade às tendências emergidas no final dos anos 1940, nos anos 1950 e 1960, a antropologia das religiões afro-brasileiras entrou numa nova fase marcada, entre outros traços, pela sua inserção na academia, tendo em vista que os autores mais relevantes dessas décadas estavam ligados às universidades, tais como Octávio Eduardo, René Ribeiro, Roger Bastide e Waldemar Valente.

Isso porque, conforme Amaral e Silva (2006), se a religião é uma maneira de interpretar o mundo, ela também é capaz de fornecer matrizes para construção desse mundo, interpretando-o de signos e valores que ultrapassam o próprio sistema religioso. Assim, seria possível interpretar e compreender a cultura brasileira a partir dos códigos do sistema religioso afro-brasileiro, e vice-versa.

No que tange às religiões de matriz africana no período colonial, essas iam além do mero ritual sagrado, congregando em si, também, práticas de curas do corpo enfermo e de adivinhação (BARROSO; BONETE; QUEIROZ, 2017).

Os primeiros estudos acerca dos africanos do Brasil são do campo da antropologia, desenvolvidos pelo médico Raimundo Nina Rodrigues que detalhou sua experiência e sua pesquisa com os povos remanescentes da Bahia, realizadas no final do século XIX (MÖBS, 2020). De acordo com Silva (2008, p. 287), em um primeiro estudo desenvolvido por Rodrigues, o médico “pretendeu demonstrar com descrições da teologia, liturgia, oráculo e possessão presentes na religiosidade afro-brasileira, a incapacidade psíquica do negro de adotar uma religião baseada em conceitos abstratos tais como os do cristianismo”.

Em seu segundo estudo, houve uma ampliação da área de estudos de Nina Rodrigues, que passou a abranger “assuntos diversificados como a procedência dos grupos africanos vindos para o Brasil, as revoltas dos negros maometanos, a formação do quilombo de Palmares, além dos aspectos religiosos e linguísticos dos grupos negros” (SILVA, 2008, p. 287). Nessa obra, o médico elencou os costumes indesejáveis dos povos africanos, acreditando que a partir dele fosse possível avaliar por quanto tempo sua influência marcaria negativamente a cultura brasileira (MAMIGONIAN, 2004).

Foi apenas com os estudos de Gilberto Freyre que se passou a valorizar a “herança” africana e que se criou, nos anos 1940-1950, a linha de pesquisa “estudos afro-brasileiros” (MÖBS, 2020). Nessa época, Artur Ramos publicou alguns livros sobre o tema, os quais contemplavam uma nova abordagem sobre os negros, sendo que “a religiosidade afro-brasileira deixou de ser entendida como manifestação da inferioridade dos negros, e por meio dela se criticou o próprio conceito de raça substituindo-o pelo de cultura” (SILVA, 2008, p. 289).

Roger Bastide também foi um antropólogo que marcou a década de 1940 no Brasil, tendo em vista que seus estudos ocuparam papel de destaque nos trabalhos sobre as religiões de matriz africana no país. O autor buscou compreender a correlação entre a religião e a sociedade, dedicando-se ao estudo das religiões africanas no Brasil, privilegiando uma perspectiva diacrônica, sem entrar no mérito de suas reconstruções históricas (GOLDMAN, 2011).

Viu-se, dessa maneira, que as religiões afro-brasileiras são objeto de estudo da antropologia desde a chegada dos negros escravizados ao país. Esse estudo contempla os aspectos dessas religiões, suas diferenças, peculiaridades, pluralidade e manifestações. O estudo dessa temática é imprescindível para compreender a história do Brasil, bem como a identidade e cultura brasileiras.

4 CONCLUSÃO

Os estudos antropológicos sobre as religiões de matriz africanas no Brasil são relevantes para permitir o conhecimento a respeito da formação da cultura e identidade brasileiras, além de compreender a importância dos povos africanos para essa formação.

A cultura africana encontra-se presente no cotidiano brasileiro como resultado de uma herança cultural construída por inúmeras gerações de afro-brasileiros desde o período colonial até a atualidade. Os africanos foram compulsoriamente conduzidos ao Brasil, no processo de diáspora, para serem escravizados no território brasileiro. Esses indivíduos possuíam cultura, religião e identidade próprias, sendo que estas, não obstante tenham sido proibidas de se manifestarem em território brasileiro, continuaram sendo manifestadas pela população africana residente no Brasil.

Nesse cenário, os estudos antropológicos sobre as religiões afro-brasileiras permitem conhecer o ser humano e sua relação com a religião, sob o ponto de vista da formação do território brasileiro e o encontro entre diferentes povos, cada um com suas culturas.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Priscila Farfan; BONETE, Wilian; QUEIROZ, Ronaldo de Moraes. **Antropologia e Cultura**. Porto Alegre: SAGAH Educação, 2017.

FELDMAN-BIANCO, Bela. A antropologia hoje. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 63, n. 2, 2011.

FRANCO, Gilciana Paula. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. **Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF**, v. 18, n. 1, p. 30-46.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, 2011, p. 407-432.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEAL, João. Octávio Eduardo, René Ribeiro e Melville Herskovits. Religiões afro-brasileiras, aculturação e sincretismo. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 28, n. 62, p. 145-177, 2022.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. África no Brasil: mapa de uma área em expansão. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 35-53, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MÖBS, Adriane da Silva Machado. Antropologia no Brasil: construção da identidade brasileira. In: MÖBS, Adriane da Silva Machado; SOUZA, Alisson de; D'AMBOS, Bruno Uhlick; DIONIZIO, Mayara Joice; SANTOS, Valter Borges dos; AFFONSO, Luciane Marina Zimmerman; CANFIELD, Ráisa Lammel. **Antropologia da Religião**. Porto Alegre: SAGAH Educação, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

PAIVA, Eduardo França. **Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PEREIRA, Pedro. Uma viagem retrospectiva à antropologia da religião. **Revista Antropologia Experimental**, Jaén, n. 16, p. 263-284, 2016.

SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Revista Temas em Educação e Saúde**, v.12, n.2, p. 217-229, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e etnicidade: religião e relações raciais na formação da antropologia do Brasil. In: PINHO, A. O; SANSONE, L. (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 285-313.

SOUZA, Alisson de. Panorama da Antropologia. In: MÖBS, Adriane da Silva Machado; SOUZA, Alisson de; D'AMBOS, Bruno Uhlick; DIONIZIO, Mayara Joice; SANTOS, Valter Borges dos; AFFONSO, Luciane Marina Zimmerman; CANFIELD, Ráisa Lammel. **Antropologia da Religião**. Porto Alegre: SAGAH Educação, 2020.

Enviado em: 06/02/2023

Aceito em: 04/05/2023